

A decorative gold border consisting of a vertical line on the left, a horizontal line at the top, and a vertical line on the right, all connected by a horizontal line at the bottom. The word "LITERATURA" is centered within this border.

- LITER*A*TURA

O AMANUENSE BELMIRO: INTERSECÇÕES ENTRE A CRÍTICA LITERÁRIA E A HISTÓRIA LITERÁRIA BRASILEIRA

Ana Paula Franco Nobile Brandileone*

Resumo: Este artigo compõe um projeto maior de pesquisa, cujo interesse se centra no resgate de escritores que, enformando o outro lado da ficção de 1930, os denominados intimistas, fazem parte de uma geração esquecida. Este estudo tem por objetivo investigar a recepção crítica de *O amanuense Belmiro* (1937), de Cyro dos Anjos, a fim de apreender as tensões e as intersecções que se estabelecem entre a crítica literária e a História da Literatura Brasileira.

Palavras-chave: Cyro dos Anjos. Crítica literária. História da Literatura Brasileira.

O ESTUDO DE *O AMANUENSE BELMIRO*: ETAPAS DE INVESTIGAÇÃO

■ Considerando que este estudo centra-se no interesse de identificar as tensões e as intersecções que se estabelecem entre a crítica literária e a História da Literatura Brasileira sobre o romance de estreia de Cyro dos Anjos, *O amanuense Belmiro*, é que se tomou como objeto de análise e discussão a recepção crítica da obra, cuja investigação dividiu-se em duas etapas, as pesquisas de mestrado e doutorado. Para tanto, investigou-se alguns estudos de críticos renomados, bem como algumas das mais representativas histórias da literatura brasileira.

Na dissertação de mestrado¹ foi recuperada a memória do lançamento do livro e o que se constatou no “calor da hora”. Desse modo, foram analisados os artigos publicados em periódicos – jornais e revistas –, nos meses de outubro, novembro e dezembro de 1937², os quais totalizam 46 artigos, de procedência

* Universidade Estadual do Norte do Paraná (Uenp) – Cornélio Procopio – PR – Brasil. E-mail: apnobile@uenp.edu.br

1 Trabalho concluído em 2000, pela Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (Unesp/Assis), com o título de *A estreia do amanuense: a fortuna crítica de O amanuense Belmiro em 1937*, publicado em 2006 pela Editora AnnaBlume, de São Paulo.

2 Segundo artigo publicado no jornal *Minas Gerais*, o romance de Cyro dos Anjos foi dado à publicidade em 14 de outubro de 1937: “Será posto hoje nas livrarias *O amanuense Belmiro*. Editado pela sociedade “Os amigos do livro”, que o intelectual Cyro

variada: Minas Gerais, Rio de Janeiro, São Paulo e Recife. No doutorado³, a pesquisa ganhou uma dimensão maior, propondo-se a percorrer não somente as leituras realizadas pela crítica de rodapé (de 1938 a 2001), publicada, sobretudo, nos estados de São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais, totalizando 237 artigos, mas também os trabalhos concluídos nas universidades brasileiras (de 1976 a 2001), 17 no total, sendo 13 de mestrado e 4 de doutorado.

Importante destacar que a grande maioria dos artigos que compôs o universo dessas duas pesquisas foi obtida na Fundação Casa de Rui Barbosa, Arquivo-Museu de Literatura Brasileira (AMLB), situada no Rio de Janeiro, que conta com o acervo de Cyro dos Anjos, inclusive o arquivo pessoal, doado ainda em vida pelo autor. Constam nesse acervo correspondências do escritor com amigos e admiradores, documentos pessoais, manuscritos, fotos, livros, além de coleção de resenhas, entrevistas, críticas e considerações em geral sobre a sua obra. Do vasto material que integra essa “biblioteca”, apenas a coleção de recortes foi privilegiada. Por ser de domínio público, pois publicado anteriormente em jornais e revistas, esse material pode ser reproduzido. Uma outra parte do material foi obtida no Centro de Documentação e Apoio à Pesquisa (Cedap), acervo da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, *campus* de Assis, que reúne periódicos de proveniência variada. Os trabalhos acadêmicos foram solicitados junto à biblioteca de cada instituição universitária.

O AMANUENSE BELMIRO: DA CRÍTICA DE PRIMEIRA HORA AOS HISTORIADORES DA LITERATURA BRASILEIRA

Da recepção no “calor da hora”⁴ salta aos olhos a dificuldade no enquadramento da obra e de seu autor. Da maioria dos críticos observa-se a preocupação em filiá-lo a alguma tendência, autor, obra, linha ou tradição literária: regionalismo, romance estético, literatura psicológica, de costumes, Machado de Assis, Proust, Amiel, Georges Duhamel, esquerda, direita etc.

Por conta dessa dificuldade da crítica literária brasileira em construir um “lugar” para Cyro dos Anjos, é que a nota dominante da recepção crítica de *O amanuense* em 1937 foi a busca por referências, fontes e/ou sinais de influência. Por ser um livro escrito em primeira pessoa e em forma de diário suscitou nos críticos a dúvida: tratar-se-ia de um romance ou de uma autobiografia? O gênero autobiográfico do livro levou os críticos a associá-lo a obras do mesmo gênero, a Amiel e seu *Journal intime*, e Georges Duhamel, *Remarques sur les memoires imaginaire*. O estilo disciplinado e o *sense of humour* do romance de Cyro dos Anjos fizeram pensar em Alfredo Panzini, Pérez de Ayala e Machado de Assis. Houve quem vislumbresse, na ironia dissolvente, a influência de Jules Renard e do autor de *Dom Casmurro*. A presença marcante da memória ou da “expedição à procura do tempo perdido” fez lembrar Marcel Proust (LEMOS, 1937). Dentre

dos Anjos vem dar à publicidade, será posto hoje à venda nas livrarias” (PUBLICAÇÕES. *Minas Gerais*. Belo Horizonte, 14 out. 1937). Informação que se reafirma em carta enviada a Carlos Drummond de Andrade, no dia 14 de outubro de 1937, na qual Cyro dos Anjos avisa que o romance havia sido publicado: “[...] Ontem pelo correio enviei-lhe um exemplo do *Amanuense* que só agora veio a lume” (MIRANDA; SAID, 2012, p. 100).

- 3 Trabalho concluído em 2005, pela Unesp/Assis, com o título de *As leituras de O amanuense Belmiro: da crítica jornalística à crítica universitária*, publicado pela Editora AnnaBlume, em 2010.
- 4 Sobre o estudo da recepção crítica de *O amanuense Belmiro* em 1937, ver livro publicado em 2006, pela Editora AnnaBlume, *A recepção crítica de O amanuense Belmiro, de Cyro dos Anjos (1937)*.

os autores brasileiros, além de Machado de Assis, também Graciliano Ramos foi lembrado por seu romance *Angústia*. Segundo Nelson Werneck Sodré, em artigo publicado em dezembro de 1937, as irmãs de Belmiro, sobretudo a amalucada, lembram a empregada de Luis da Silva. Ainda que Cyro dos Anjos tenha sido filiado a muitos autores, Machado de Assis é, de longe, o mais lembrado. Dos 46 artigos publicados, entre jornais e revistas, 21 deles identificaram semelhanças entre os autores, dos aspectos formais aos aspectos de conteúdos.

A busca por sinais de influência continuou ganhando destaque e sendo a vertente mais vigorosa a partir de 1938. Além dos autores já citados, Rainer Maria Rilke, Montaigne, Anatole France, Musset, Benjamin Constant, Gide, Fromentin, Stendhal, Gerard Nerval e Carlos Drummond de Andrade engrossaram a fileira de escritores para os quais a aproximação com Cyro e seu romance de estreia era “indisfarçável”. As inúmeras associações a que a crítica literária conferiu a Cyro dos Anjos e seu romance corrobora o seu esforço obstinado em classificar um autor que fugia ao padrão estético da ficção dos anos 1930.

Quando Cyro dos Anjos surgiu no panorama da literatura brasileira, foi de pronto apresentado como um escritor notadamente “diferente” da maioria que publicava àquela altura da década de 1930. Quando se achava que cismas, reflexões, quadros da vida interior já não faziam mais parte da ordem do dia, o romance evidenciou que obras com o feitiço de *O amanuense*, voltado para “dentro”, para o homem e seus problemas, poderia chamar a atenção em um período de domínio quase que exclusivo da literatura social. O fato de Cyro dos Anjos apresentar uma outra versão da ficção brasileira dos anos 1930, contrário à incorporação crítica da problemática da realidade social brasileira, da abundância descritiva dos romancistas-modelo à época e da tendência naturalista de estabelecer unidade entre literatura e “verdade”, tão cara à maioria dos romancistas de 1930, trouxe desatino à crítica literária da época que não sabia como classificar esse autor que, apreendido como “coisa nova” dentro de um panorama literário impregnado pelos mesmos temas e pelas mesmas preocupações, cindiu com uma literatura que naquele momento se exigia documental. O modo encontrado pela crítica para pacificar o desconforto trazido por Cyro dos Anjos, que rompia com um modelo vigente e impunha um outro, ligado à introspecção, foi ler o romance e seu autor através de outros autores e obras.

O apuro experimentado pela recepção crítica de primeira hora que reconhecia na classificação do romance e de seu autor uma tarefa complexa e ariscada, parece ter sido seguido de perto por alguns historiadores da literatura e críticos literários de renome, os quais repisaram as leituras críticas apresentadas logo após a publicação de *O amanuense*. Em *História concisa da literatura brasileira*, Alfredo Bosi (1978)⁵ insere Cyro dos Anjos em subcapítulo do capítulo intitulado “Outros narradores intimistas”, ao lado de nomes como Otávio de Faria, Otto Lara Rezende e Dionélio Machado, logo depois de apresentar os principais escritores do denominado romance social – José Américo de Almeida, Raquel de Queiroz, José Lins do Rego, Graciliano Ramos e Jorge Amado. Já José Aderaldo Castello (1999, p. 325), em *A literatura brasileira: origens e unidade*, insiste na influência exercida por Machado de Assis: “[...] se *Abdias* complementa *O amanuense Belmiro*, é com ambos que Cyro dos Anjos se coloca entre os representan-

5 A primeira edição é de 1970.

tes mais destacados do que temos chamado linhagem machadiana [...]”. Em recente publicação, também Nelly Novaes Coelho (2013, p. 181) não só reforça a filiação de Cyro a Machado como também divide a ficção modernista de 1930 em duas direções, uma das dominantes na recepção crítica do romance:

Cyro dos Anjos, escritor de linhagem machadiana, pertence à geração mineira de 1930 – Carlos Drummond de Andrade, Abgar Renault, Pedro Nava, Jorge de Lima, João Alphonsus ... jovens talentos que, tocados pela funda crise em que o mundo mergulhava (o entre-guerras 1914-1939), e “alimentados” pela literatura europeia (Proust, Gide, Anatole France, Balzac, Dostoiévski e outros), ao se assumirem escritores, enveredaram pelos caminhos “de dentro” (os do humanismo e da subjetividade da vida interior). Enquanto os jovens do Norte e Nordeste (Jorge Amado, Rachel de Queiroz, Lins do Rego ...) enveredaram pelos caminhos “de fora” (os do Regionalismo e da dura denúncia da injustiça social, que estava na base do Sistema e que frustrava a possível realização dos desvalidos).

Para Antonio Candido (1992, p. 79), Cyro dos Anjos é um “escritor estrategista” em oposição aos táticos, isto é, “que veem na criação o afloramento definitivo de um largo trabalho anterior, baseado em anos de meditação e de progressivo domínio dos meios técnicos”. Já para João Luís Lafeté (1974, p. 20), o romancista montes-clarense toma uma “direção diferente”, distinguindo-se da literatura da década de 1930 que nos deu “algumas das obras mais realizadas e alguns dos escritores mais importantes da literatura brasileira”: o romance social de José Lins do Rego, Jorge Amado, Raquel Queiroz e Graciliano Ramos. Sem falar naqueles que sem saber dar um “lugar” para Cyro dos Anjos, excluíram-no de suas listas, como Bezerra de Freitas (1947, em *Formas e expressão em romance brasileiro*, Olívio Montenegro, em *O romance brasileiro* (1951), e Adonias Filho, em *O romance brasileiro de 30* (1972).

Um outro exemplo de apagamento a que parece ter sido condenado Cyro dos Anjos está no espaço diminuto a ele destinado nas Histórias da Literatura Brasileira, quando a ficção brasileira de 1930 é objeto de discussão. Diferente do destaque dado aos denominados romancistas da linha social. Enquanto Alfredo Bosi tributa quatro páginas e meia para José Lins do Rego, cinco páginas e meia para Graciliano Ramos e duas páginas para Jorge Amado, dedica a Cyro dos Anjos 18 linhas das 582 páginas da sua *História Concisa da Literatura Brasileira*. O mesmo se dá com José Aderaldo Castello (1999), que destina ao escritor mineiro apenas 20 linhas das 583 páginas do volume II de *A Literatura Brasileira: origens e unidade*, em um capítulo que intitula “Novas Contribuições”. Diferentemente do espaço que dedica a Jorge Amado, sete páginas, a José Lins do Rego, nove páginas e meia, e a Graciliano Ramos 22 páginas. Embora essas coisas não se expliquem com facilidade, não é difícil apontar algum motivo que tenha prejudicado o prestígio do escritor mineiro. Seu destino foi o mesmo de outros autores importantes do período, como Lúcio Cardoso, Dionélio Machado, Otávio de Faria ou Cornélio Pena, alvos de pouca discussão. Coincidência ou não, todos fizeram sua estreia literária nos anos 1930, época que acabou ganhando em nossa memória cultural uma imagem bastante estereotipada: a do domínio do romance social de corte regionalista.

Oriundo dessa obsessão em encontrar um lugar para Cyro dos Anjos, notadamente diferente da maioria que publicava àquela altura da década de 1930,

associado ao fato de exibir um modelo romanesco e narrativo antitético à tendência do período, é que o escritor foi classificado de intimista pela crítica de primeira hora, abrindo caminho para que o autor e sua obra fossem lidos (exclusivamente) com base na inquirição psicológica e na especulação intimista.

O rótulo de autor intimista acabou, uma vez mais, por fortalecer a polarização que se instituiu na ficção de 1930 e que definiu (aparentemente) duas linhas independentes: de um lado, romances que “se escravizaram ao empenho fotográfico da objetividade”, de outro, romances em que “o principal é o homem”. Nesse contexto, parece óbvio que todos aqueles romances que surgissem na contramão dos romances sociais seriam, de imediato, jogados para o outro lado da polarização literária e também ideológica que caracterizou o movimento literário da década de 1930 e, por isso, denominados intimistas, sinônimo, para alguns críticos, de inócuos ou de não participativos (AMADO, 1938; LOUSADA, 1938). Não por acaso, segundo João Etienne Filho (1945), Cyro dos Anjos foi acusado por muitos de gratuito, de puramente literário, por buscar “temas eternos”. Havia, portanto, dois caminhos a serem seguidos: aceitar um deles era, automaticamente, afastar-se do outro.

Nadando a favor dessa divisão assentada sob dois pontos de vista (aparentemente) inconciliáveis, está Luciana Stegagno Picchio, em *História da Literatura Brasileira* (1997), para quem *O amanuense Belmiro* teria o seu lugar na “segunda via” da narrativa modernista. Também Alfredo Bosi (1978), ao colocar Cyro dos Anjos no subcapítulo “Outros narradores intimistas”, dá corpo a essa “outra via” da produção literária da década de 1930, a chamada literatura intimista ou psicológica. Ainda Antônio Soares Amora, em *História da Literatura Brasileira* (1977)⁶, dividiu a ficção modernista de 1930 em duas orientações: a regional, com a sua vida rural e provinciana, e a urbana. Assim como Afrânio Coutinho, em *A Literatura no Brasil* (1997)⁷: corrente social e territorial, e corrente psicológica, subjetivista, introspectiva e costumista.

A atribuição de escritor intimista a Cyro dos Anjos deve-se ainda à relação estabelecida entre a sua prosa e a tradição mineira – leitura também firmada pelos críticos de primeira hora sobre *O amanuense*. Fundado numa peculiar visão do fato humano, o “mineirismo” seria, antes de mais nada, um mundo construído sobre a introspecção, daí raramente se valer do realismo objetivo, da descrição minuciosa de ambientes, das sugestões da natureza.

Um último fator vai de encontro à nota dominante da recepção crítica de *O amanuense Belmiro* em 1937 e que se proliferou ao longo do tempo, que é a vinculação com Machado de Assis. Parentesco que vai dos aspectos formais aos de conteúdo: o cuidado com a linguagem, evitando excessos e ornatos; a tendência introspectiva, sobrepondo a análise do caráter à intriga romanesca, por isso a primazia conferida ao espírito e não ao ambiente; análoga técnica de composição, seja na confecção dos capítulos, com a mesma preocupação metalinguística, ou na opção pelas memórias; a mesma maneira realista de contemplar, apreciar e julgar a vida, não dado a acusações ou a conclusões; o jeito irônico de dizer as coisas, mostrando seu lado dúbio e contraditório, num jogo de antinômias e dualidades; o mesmo *humour*, ceticismo e pessimismo.

6 A primeira edição é de 1955.

7 A primeira edição é de 1955.

O AMANUENSE BELMIRO: VOZ DISSONANTE

O descompasso entre *O amanuense Belmiro* e os demais romances publicados àquela altura da década de 1930 acompanha a fratura de um dos estratos mais persistentes da História da Literatura Brasileira: o privilégio concedido ao documental, a literatura presa ao fato, a serviço da “verdade”, da pátria ou da “realidade”. Seja atrelada aos acontecimentos nacionais, para confirmá-los e dar-lhes peso institucional, seja em descrença deles, a trama novelesca da literatura brasileira, desde os oitocentos, afirma Santiago (1999), esteve atrelada a um núcleo: à necessidade, internalizada pelo escritor e seu público, de afirmar a identidade nacional.

Machado de Assis, por exemplo, desrespeitou essa tradição. E desobedecendo aos limites de sua nacionalidade, tornou-se passível de crítica, conforme demonstra Flora Süssekind (1984) em *Tal Brasil, qual romance?*. À semelhança de Machado, Cyro também fraturou o “instinto de nacionalidade” dominante na ficção brasileira. Ora, o compromisso da literatura brasileira com a identidade nacional parece não pressupor obras e autores que se isentem de retratar o “instinto de nacionalidade”. Nada que desfaça o contínuo de uma tradição ganha ênfase. Caso a trama novelesca, de alguma forma, fracture o caráter nacional, trazendo diferenças ou descontinuidades ao contínuo de uma tradição alicerçada na imagem do país, resta-lhe a condenação, a “lata de lixo da história”, como quer Silviano Santiago (1999, p. 14), ou o ocultamento da diferença.

Se então há um compromisso da literatura brasileira com a identidade nacional, como classificar aqueles romancistas que não revelam em suas obras traços de brasilidade ou, então, não deixam claro estes traços de brasilidade? Que lógica preside o cânone para aqueles que, como Cyro dos Anjos, se desviam da tradição literária a que pertencem? Não será por causa desse desvio que a ele é destinado um espaço tão diminuto nas Histórias da Literatura, bem diferente daqueles autores que retratam com “honestidade” e “verdade” o mundo nacional?

No entanto, apesar de o público estar predisposto para uma modalidade de romance em que predominavam os aspectos exteriores, os personagens sem densidade psicológica, sem conflitos de consciência, as descrições abundantes e a denúncia social, *O amanuense* obteve sucesso imediato. Prova disso é que a segunda edição do romance foi publicada apenas 10 meses após a primeira⁸, numa tiragem mais numerosa, sob a chancela da Editora José Olympio, e lançada simultaneamente no Rio de Janeiro, São Paulo, Bahia, Recife, Porto Alegre e Belo Horizonte.

Segundo o próprio escritor, em entrevista concedida a Afonso Henrique Fávoro (1991, p. 148), o bom acolhimento do romance deveu-se ao esgotamento da memória social nordestina que, por apresentar as mesmas paisagens, os mesmos climas, os mesmos problemas, caiu na mesmice:

Quando surgiu O amanuense, havia um cansaço da literatura nordestina, do homem do campo, do ciclo do açúcar; aliás, com grandes escritores como Graciliano Ramos e José Lins do Rego. O meu livro veio com outro espírito; é um livro íntimis-

8 Em carta destinada a Carlos Drummond de Andrade, datada de 22 de março de 1937, Cyro dos Anjos relata o seu interesse em publicar *O amanuense Belmiro* pela editora de José Olympio, por isso solicita ao poeta que entregue os originais ao editor. Dada a demora da editora em dar uma resposta, Cyro resolve publicar o livro pela coleção “Amigos do Livro”, uma espécie de coeditora, cujas edições eram pagas pelos próprios autores, decisão revelada em carta enviada a Drummond em 30 de julho de 1937 (MIRANDA; SAID, 2012). O livro só seria publicado em outubro de 1937. A primeira tiragem foi restrita: apenas 1500 exemplares, 500 dos quais o autor enviou para a Editora José Olympio, no Rio de Janeiro, distribuir.

ta, pelo menos pretensamente psicológico, de maneira que ofereceu um outro tipo de literatura na ocasião e realmente ele foi acolhido com muita simpatia.

Prova desse esgotamento da literatura de temática social é que *Rua do Siriri*, o segundo romance de Amando Fontes, embora tido pela crítica como tecnicamente superior ao seu sucesso de estreia, foi recebido friamente pelo público. A segunda edição demoraria 20 anos para sair e, mesmo assim, numa edição que incluiu também *Os Corumbas*. Mesmo Jorge Amado e José Lins do Rego, os mais populares do período, só passariam a vender mais significativamente a partir do segundo ou terceiro livros. *Capitães da areia*, publicado no mesmo ano que *O amanuense*, só teve a segunda edição em 1944. *Vidas secas* (1938), de Graciliano Ramos, levaria quase 10 anos para ter esgotada uma edição de 1000 exemplares. Sintomas claros de que o domínio do romance social começava a fraquejar; já não causava o mesmo entusiasmo dos primeiros tempos.

Mas antes mesmo da publicação do romance, Carlos Drummond de Andrade, em carta enviada a Cyro dos Anjos em 4 de agosto de 1936, já encorajava o amigo a dar a lume o seu romance que, para ele, representava a “terceira via” do que se publicava no cenário literário brasileiro então vigente:

Ainda não pedi notícias de seu romance, que me interessa muito. É da maior importância que você o conclua e publique, contribuindo para que se retifique o conceito atual do romance entre nós. A mim não me satisfaz nem a transcrição imediata e anticrítica de aspectos de uma vida regional, como fazem os rapazes do Norte (como escrevem mal!), nem essa literatura “restaurada em Cristo” com que nos aporrinham os pequeninos gênios marca Lúcio Cardoso. Tudo isso é literariamente bem insignificante e, acredito, que não resistirá ao tempo. Mas é preciso ir marcando as diferenças, trabalhando numa direção nova, de que aparentemente não há igual no quadro literário brasileiro do momento. Tenho muita esperança no Amanuense e o exorto, civicamente, a pô-lo na rua (MIRANDA; SAID, 2012, p. 84-85).

Embora não seja fácil explicar o prestígio ou não de um escritor como Cyro dos Anjos, é certo que o estudo da recepção crítica do livro de estreia do autor lança luz sobre um certo “modo” de ler o romance à época do seu lançamento, no qual se pode diagnosticar preconceitos da época, clichês interpretativos, necessidade de comparar ou descobrir filiações literárias, dificuldade dos críticos em se afastarem de conceitos legitimados e hegemônicos. Mas também insinua reflexões a respeito dos caminhos críticos trilhados pela historiografia literária brasileira, que retoma discussões inauguradas pela crítica de jornal, o que, por sua vez, sedimenta lugares-comuns, impedindo que Cyro dos Anjos e seu *O amanuense Belmiro* sejam lidos sob uma outra ordem de ideias, sobretudo para aqueles que tomam as Histórias da Literatura Brasileira como único guia.

O AMANUENSE BELMIRO: INTERSECTIONS BETWEEN THE CRITICAL LITERARY AND THE HISTORY OF BRAZILIAN LITERATURE

Abstract: This article composes a major project of study, which is centered at the ransom of some writers who, being at the other side of thirty's fiction, called subjectives, make part of a forgotten generation. This study aims to investigate the critical reception of *O amanuense Belmiro* (1937), by Cyro dos Anjos, in or-

der to take the tensions and the intersections which are established between the Critical Literary and the history of Brazilian literature.

Keywords: Cyro dos Anjos. Critical literary. History of Brazilian Literature.

REFERÊNCIAS

- ADONIAS FILHO. *O romance brasileiro de 30*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1972.
- AMADO, M. Impressões de um clima e dois romances. *Mensagem*, Belo Horizonte, maio 1938.
- AMORA, A. S. *História da Literatura Brasileira*. 9. ed. São Paulo: Saraiva, 1977.
- BOSI, A. *História Concisa da Literatura Brasileira*. 3. ed. Cultrix: São Paulo, 1978.
- CANDIDO, A. Estratégia. In: CANDIDO, A. *Brigada Ligeira e outros escritos*. São Paulo: Unesp, 1992.
- CASTELLO, J. A. *A literatura brasileira: origens e unidade*. São Paulo: Edusp, 1999. v. II.
- COELHO, N. N. *Escritores brasileiros do século XX: um testamento crítico*. Taubaté: LetraSelvagem, 2013.
- COUTINHO, A. *A literatura no Brasil*. 4. ed. São Paulo: Global Editora, 1997.
- ETIENNE FILHO, J. Ao lado do amanuense. *O Diário*, Belo Horizonte, 21 out. 1945.
- FÁVERO, A. H. *A prosa lírica de Cyro dos Anjos*. 1991. 153 f. Dissertação (Mestrado em Letras)–Universidade de São Paulo, São Paulo, 1991.
- FREITAS, B. de. *Forma e expressão do romance brasileiro*. Rio de Janeiro: Pongette, 1947.
- LAFETÁ, J. L. *1930: a crítica e o Modernismo*. São Paulo: Duas Cidades, 1974.
- LOUSADA, W. O romance do centro. *Dom Casmurro*, Rio de Janeiro, 21 maio 1938.
- MIRANDA, W. M.; SAID, R. (Org.). *Cyro & Drummond: correspondências de Cyro dos Anjos e Carlos Drummond de Andrade*. São Paulo: Biblioteca Azul, 2012.
- MONTENEGRO, O. *O romance brasileiro*. 2. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1951.
- PICCHIO, L. S. *História da Literatura Brasileira*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1997.
- SANTIAGO, S. A aula inaugural de Clarice Lispector. In: MIRANDA, W. M. (Org.). *Narrativas da modernidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.
- SODRÉ, N. W. Livros novos. *Correio Paulistano*, São Paulo, 9 dez. 1937.
- SÜSSEKIND, F. *Tal Brasil, qual romance?*. Rio de Janeiro: Achiamé, 1984.

Recebido em fevereiro de 2014.

Aprovado em agosto de 2015.